

RACISMO E SOFRIMENTO MENTAL, DESAFIOS POLÍTICOS E CLÍNICOS

PARTE I (18/11/2014)

Hoje eu queria, um pouco no embalo do que aconteceu em Brasília, o que aconteceu terça passada, razão pela qual a gente não teve nossa atividade, queria propor que a gente pudesse refletir hoje nessa questão da clínica, que a gente pudesse refletir sobre aquilo que foi mote do evento lá em Brasília que é o tema, o desafio dessa semana da consciência negra, o desafio de incluir no âmbito da RAPS, uma reflexão sobre o racismo institucional.

Então esse evento que aconteceu lá em Brasília foi o lançamento desse debate que a gente espera que possa ganhar a partir dessa condição em desenvolvimento mais ativo, em torno dos trabalhos da RAPS. Eu não quero fazer proselitismo sobre o tema genérico, político, mas gostaria que a gente pudesse aproveitar para fazer uma reflexão específica que pudesse centrar no tema do sofrimento derivado da pertença étnico racial, que é um tema específico que é para a clínica, é um tema que a gente precisa apreender e aprender como é que a gente faz. Esse elemento está foracluído do registro dos fazeres terapêuticos e clínicos na saúde mental. Está completamente negligenciado, ele não existe e não se inscreve como um tema de preocupação.

(02:28) Eu tenho que falar duas ou três coisas para gente entrar nesse tema, para dar um contexto na reflexão sobre esse tema. Primeiro é o tema relativo às próprias relações étnicos raciais no nosso país a que diz respeito especificamente à herança africana. O fato de que o Brasil produziu a sua civilização brasileira (se é que podemos chamar assim) como um componente de trezentos anos de escravização de grupos africanos para cá trazidos, em condições degradantes, para servirem

como um componente fundamental do sistema de exploração colonial baseada no plantation da cana de açúcar mas também com algodão, depois a mineração, o pouco do café, foram várias vertentes da exploração colonial que baseou na mão de obra escrava dos africanos.

(04:36) O modo de relação que nós brasileiros temos portanto com o tema étnico racial é um modo de relação muito peculiar porque, de alguma forma, representa a equação singular que o Brasil formulou na construção de um projeto de nação. A construção do projeto de nação brasileira supôs um acerto de contas com essa temática, porque uns componentes fundamentais do projeto de nação é responder a pergunta "Quem somos nós, os que somos dessa nação? Quem somos nós os brasileiros, quem somos nós?".

E essa pergunta sempre foi embaraçosa, portanto o projeto de nação sempre ficou a se construir, a se estabelecer, porque efetivamente o "quem somos nós?", de alguma forma opôs grupos minoritários de uma elite europeia, minoritária populacionalmente falando, a uma massa de pessoas que incluía os africanos escravizados e incluía os africanos que tinham sido escravos e que por algum motivo tenham sido libertos e incluía os descendentes dos africanos, que tinham sido libertos e dos descendentes dos escravos nascidos na escravidão.

Obviamente com essa composição durante 300 anos, também num processo *sui generis* de miscigenação do europeu que aqui estava, sobretudo o português, o europeu que aqui estava num processo de miscigenação assim como tinha acontecido com a miscigenação com os povos pré colombianos que aqui estavam, os indígenas, (não gosto de falar indígena, diz toda vez que você fala indígena você está se reivindicando do equívoco do cidadão que achou que tinha encontrado o caminho das índias; quando você chama de índios você está fazendo um tributo e reiterando essa ideia do equívoco europeu que assim denominou aqueles que foram aqui encontrados).

(08:11) Assim como tinha acontecido com os povos autóctones, no encontro de dois grupos dominados que são os povos autóctones e os mestiços. Os povos autóctones com os portugueses europeus e os povos africanos, os mestiços e africanos, e produzindo então uma miscigenação *sui generis*. O Brasil sempre foi apontado como um país *sui generis* nesse sentido porque aqui se produziu uma composição étnico-racial de fato bastante peculiar desses encontros. Deixando claro que peculiar, o grosso desse contingente populacional é fruto dessa observação marcado por uma subalternidade, por uma dominação, por uma condição subalterna e com exceções, inclusive essa fronteira que separa o filho legítimo do filho bastardo, fazendo com que várias circunstâncias o filho bastardo viesse a ser o homem forte do engenho, preterindo o filho legítimo europeu eventualmente senhor do engenho. Tudo isso são peculiaridades da história e que gera esse componente.

(10:15) Então é isso que nos embaraça e nos embaraçou e segue embaraçando toda vez que falamos "nós os brasileiros"; essa questão fica hoje menos, mas ela gera um certo embaraço. Nós os brasileiros, nós temos que saber de quem estamos falando. O processo de Darcy Ribeiro fala que o nosso processo de produção dos ninguéns, o tipo humano chamado "o ninguém", uma multidão de ninguéns, diferente dos portugueses e dos que tinham linhagem e tinham sobrenome sobre uma legião de ninguéns, um país de ninguéns. O Brasil sendo forjado como um país de alguéns e uma multidão de ninguéns. Esse processo, para nós, ele tem a marca política de ter se resolvido do ponto de vista jurídico por mais de um ano antes da solução da própria questão da herança imperial, porque nós temos a abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889.

(11:49) Então nós passamos 1888 de uma condição onde escravos estão posto como não cidadão e obviamente isso fazendo recair sobre sua descendência, essa atribuição de desvalor, e em 1888 ele passa a deixar de ser "coisa" e passa a ser pessoa, passa a ser incluído como pessoa e

em 1889 passa a ser cidadão, tudo muito rápido. Quer dizer assim, tudo muito rápido, a mudança de status e os efeitos dessa mudança de status, obviamente um ano, dez anos não são capazes de produzir alterações das percepções, sensações, sentimentos, afetos, emoções, sensibilidades no julgamento valorativo dos que aqui estavam todos amontoados.

(12:58) Isso também gera, posteriormente, fazendo um salto pra gente chegar no assunto, que é somente com Vargas que esses "ninguéns" vão conseguir de alguma forma um estatuto, parte desses "ninguéns" vai ganhar esse estatuto de dignidade, a famosa carteira de trabalho da consolidação das leis trabalhistas. Porque até Vargas, as relações escravagistas persistiram na maior parte das relações, os modos que consagrava agricultura de meia, de terça, de permissão de agregados, essa ideia de que o sujeito trabalha na semana para o dono da terra e trabalha duas semanas pra ele, para o dono da terra poder cultivar as terras para seu benefício próprio; quer dizer, estas combinações persistiram durante a República Velha (não é um elogio a Vargas, é apenas uma marcação histórica).

O reconhecimento de que a revolução de 1930 não produz um elemento componente que vai produzir algumas alterações nesse quadro mantido, mas não é objetiva já que a classe trabalhadora de carteira assinada vai continuar sendo a minoria, não é essa mudança mais importante que vai acontecer em Vargas.

É que Vargas forma o seu esforço, a sua percepção no projeto de nação vai de alguma forma investir no tema de produzir alguma ordem de unidade nacional e a unidade nacional que pressupõe forjar o personagem "o brasileiro", como um personagem que não seja os modos afetados dos grupos aristocráticos e que, enfim, não sejam referidos os ninguéns, **então criando algo que possa estar.**

(15:42) E um dos recursos fundamentais para isso vai ser o investimento numa valorização, pela primeira vez na história da

construção do projeto de nação que a mestiçagem deixa de ser pejorativo e vai ser reconhecida como algo bastante importante. É importante dizer isso porque a liga brasileira de higiene mental que foi uma das organizações mais importantes na promoção da ideia do conceito de saúde mental, de higiene mental, trazendo o significante mental, ela se desenvolve exatamente no ano de 1920, 1917, 1918 e vai até 25, 26 com um projeto que tinha muito marcadamente a apropriação dos discursos psiquiátricos de uma perspectiva eugenista.

Não é que a saúde mental, a psiquiatria e a psicologia não se preocupam com o tema racial, aliás, elas só se preocuparam com isso, se preocuparam muito com isso, nós temos um saber no campo psiquiátrico, eu não estou nem falando do Nina Rodrigues, das raças humanas que antecedem muito esse momento, baiano da Faculdade de Medicina da Bahia, onde ele de alguma forma afirma inferioridade intelectual dos africanos e seus descendentes.

(17:35) Quer dizer assim, tem uma história, uma trajetória, onde os saberes psiquiátricos, psicológicos com Nina Rodrigues, também psiquiátrico, depois através do tema da higiene mental e da condenação, da ideia da eugenia, da contaminação racial, do alvo fundamental da liga brasileira de higiene mental, personagem típico do início da república, que é o negro cachaceiro, o alcoolismo endêmico na população negra. Os negros são endemicamente marcados pelo alcoolismo, mas só pra perceber que não era uma coisa assim que a psiquiatria, a psicologia, eu ia falar psicanálise também porque aqui na Bahia, o professor Arthur Ramos tem um dos seus trabalhos importantes seguido da linha do Nina Rodrigues como espécie de "étnico psicólogo brasileiro". O primeiro mais importante, ele escreve uma tese que chama "Surdisse dos alienados" de enfoque psicanalítico, mas ele faz outro trabalho também que ganhou repercussão que é "O mito de iemanjá segundo a psicanálise", só para deixar bem claro que no Brasil, a psicanálise da época que esteve sendo formulada, ela também flertou com o tema, o grande objeto de interesse

fascinante é o tema da possessão, por isso uma étnico, pega sempre pela linha do elemento cultural, pelo tema da religião que esses negros tem e uma religião que tem possessão e o mistério, o enigma psíquico da possessão.

Esse vai ser o olhar interessado em como a psiquiatria, a psicologia, vão se dirigir. Então é só para gente deixar claro que não é que psiquiatria, a psicologia, os saberes médico psicológicos, não é que eles são omissos em relação a esse tema, não é que são omissos em relação ao tema étnico racial, é que eles tiveram um tipo de interesse específico em relação ao tema étnico racial, eles especificaram um tipo de interesse racista, eugenista e numa perspectiva antropológica, que toma sempre a questão negra no registro do exotismo, o exótico psíquico.

([21:22](#)) Ou seja, uma forma de também colocar que a humanidade dos negros, que humanidade é essa? Essa é a questão original, a igreja vai dizer que pode ser escravizado, a questão é essa. Isso é um enigma que fica como interrogante. Do ponto de vista político, a solução da democracia racial, que Getúlio forja, articulando, sobretudo, patrocínio e da obra do Gilberto Freyre, que trás a ideia de uma convivência pacífica, de uma democracia étnico-racial, da não existência do preconceito racial do nosso país, de uma história que foi tão estreita de convivência próxima que, portanto, todos se sentindo a vontade com isso, todos estamos completamente, absurdamente pacificado para nós os nossos ânimos em relação a essa temática e isso fica de alguma forma com o trabalho derivado.

Por que o Gilberto Freyre escreveu isso? O uso político que Getúlio fez do que o Gilberto Freyre escreveu e forjar a identidade nacional em torno de um modelo de ser brasileiro. Somos tropicais, somos exuberantes, alegres, afetivos, emotivos, generosos, enfim, e isso nós herdamos e também óbvio não é só Gilberto Freyre, Getúlio também investe no Carlos Gomes, O Guarani, uma perspectiva integrativa do

componente indígena, forjando esse tipo que seria “O brasileiro”, resultante da mestiçagem que aí passou a ser uma coisa positiva.

([23:51](#)) Eu ontem comentava com uma pessoa e ela falou “... e perseguiu duramente a Frente Nacional Negra, que era uma organização política que fazia exatamente a reflexão da época, sobre o tema das condições deploráveis que a afrodescendência vivia em nosso país”. Então a democracia racial é uma teoria para caber mestiço, para forjar a mestiçagem como valor, fazendo com que tenha sido possível inclusive a manutenção de dentro da democracia racial um componente fundamental, é um componente que permite que aqueles sujeitos que tiverem traços afrodescendentes, mas que puderem disfarçá-los, seja através da economia do dinheiro, seja através da aquisição de educação, cultura, eles serão menos percebidos como negros.

Então nós somos o país que tem aquelas denominações “moreninho, chocolate, café com leite, escurinho, morena; temos aí um conjunto de denominações onde acabou nessa coisa um pouco esquisita que é dizer que são negros, brancos, pardos e amarelos e o IBGE acabou resolvendo assim. O IBGE só produziu um tipo de sintoma com essa denominação, porque efetivamente, a questão que está latente é a questão dos afetos, das emoções, dos sentimentos sociais que se expressam nos processos de reconhecimento do outro; o reconhecimento do outro sempre supõe que ele seja informado, no nosso caso, por uma sofisticada construção distintiva.

([26:46](#)) Aliás, nós usamos em português “é um distinto senhor”. É a ideia “uma pessoa muito distinta”, a ideia da distinção é o nosso problema numa sociedade de mestiços, não é? Como nós vamos nos distinguir? Como nós nos distinguimos? Como é possível distinguir? Um dos componentes importantes na produção é também o aspecto que envolve que os sujeitos possam abjurar da sua pertença étnico racial. Todas as formas de abjuração da pertença étnico racial serão festejadas,

louvadas, aceitas, abjurar, como não se faz com a fé. “Eu me declaro católico..”, “abjuro as minhas relações com a feitiçaria” .

Como hoje as igrejas evangélicas, produzindo midiaticamente na TV, sessões e sessões discursivas de um sujeito abjurando sua herança africana. Um dos recursos importantes para o branqueamento é abjurar da herança africana. Perceber essa herança, o quanto que ela pode assumir essa herança, pode ser problemático para a sua vida. O quanto que, quando você assume essa herança, você está fazendo uma opção, isso quer passar despercebido do mito da democracia racial; impõe um regime que faz com que quanto mais o sujeitos abjurarem das suas relações, vínculos, em todos os planos, no plano físico vamos alisar, fazer chapinha no cabelo, vamos fazer plástica no nariz para ficar menor. Está aí agora a Anitta, o ícone mais recente de uma forma fantástica de abjuração da herança étnico racial no corpo.

(29:29) É a manipulação de todos os sinais que possam manter a sua identificação, então, com isso, eu estou querendo registrar que o lugar do negro mantém-se incólume como pura negatividade a todos nós. São formas plásticas, mas depois eu vou fazer uma aproximação com o tema do uso de drogas, com a questão das drogas, mas essa ideia de que abjurar seria a condição fundamental. Só que, quando o sujeito abjura do corpo, às vezes é difícil abjura. Existem marcas do corpo que não dá para abjurar, não dá pra se livrar dela.

Eu posso ser um negro, menos negro do que você, mas você pode ser um negro menos negro do que a Mariana, e nós podemos criar formas que nós vamos sendo mais negros ou menos negros; é interessante, porque na verdade nós usamos mais brancos, mais negros ou menos negros, vivemos num país de mestiços, somos mais negros e mais indígenas ou menos negros ou menos indígenas, mas a referência ao branco permanece, sendo orientador, fundamental.

(31:24) Abjurar é uma condição. Esse tema do abjurar do corpo, abjurar dos costumes, nós temos um conjunto de costumes, de modos de ser que são modos de ser africanos. Nós temos uma dimensão de uma africanidade do modo de relacionamento familiar, do modo de estar no espaço social, no modo de sentir a existência e apreciar a sua presença no mundo, que alguns chamam isso de uma transcendência, uma forma transcendental de estar no mundo, de uma relação com a natureza, grupo, com o coletivo, tem várias formas que nós sabemos que são “modos de negro”.

Então você tem que abjurar também dos modos de negro. É preciso que o sujeito abjure dos modos de negro. Se você já tem um sinal, mas assim ou mais assado e, além de tudo, agrega um componente comportamental, as pessoas não vão ter dúvida de que de fato, estamos diante de um negro.

Se livrar desse peso, dessa herança, dessa pura negatividade, não é uma situação muito simples, mas é curioso no Brasil, nesse sentido, é porque nós temos uma arquitetura, uma sofisticada arquitetura do tema da pertença étnico racial como sociedade; nós não somos uma sociedade simples, sociedades anglo saxônicas são simples. Tem presença de sangue africano há cinco, quatro gerações; tem presença de sangue mexicano há cinco, três, quatro gerações; tem dúvida que você é mexicano, não tem dúvida que você é um mexicano, um negro! Você não é um ariano, então se você não é um ariano, é porque você é contaminado. Você tem misturas aí que te contamina. Isso dá para limpar também, dá pra limpar 10, 15 gerações e você corre o risco de alguém levar uma certidão descoberta num cartório que diz que você é um dos netos tataranetos do Abraham Lincoln, que teve uma prole com as suas escravas.

(34:43) O Fernando Henrique Cardoso, quando quis dizer que ele era um homem generoso, com a temática étnico racial: “eu também

tenho um 'pezinho' na cozinha". Não tem expressão mais racista do que dizer "eu também tenho um pezinho na cozinha", o qual esse racismo se expressa. Isso nos traz uma questão, nesse momento. Essa reflexão que estou fazendo aqui, reflexão de alguma forma excêntrica na sociedade brasileira, não faz parte dos modos cotidianos de refletir sobre essa temática, não habita os nossos espaços institucionais, os nossos espaços relacionais, as nossas conversas, isso não faz parte, isso está proscrito das próprias reflexões.

Então talvez o primeiro problema seja esse. O primeiro problema é que hoje nós temos uma rede de atenção psicossocial que se mantém numa relação de radical alienação em relação a essa complexa arquitetura. Articular um horizonte inteligível que possa traduzir nessa conversa para vocês a dimensão do problema. A dimensão do problema é a dimensão da experiência humana de parte da nossa população, quer dizer assim, nós não sabemos tratar dessa experiência tão predominante na maior parte da nossa população. Nós não sabemos nem falar, nós somos pré-estágio. As condições para se falar sobre isso, mas não sei se vocês estão sentido, é tenso. Isso não é um assunto assim, esse despudor aqui para ser despudorado, para não ter receios. Nos ambientes onde vou conversar sobre isso, é sempre muito tenso, eu sinto a tensão, eu sinto o desconforto.

([38:02](#)) Então nós temos um problema, uma dimensão sintomática social, que nós temos uma coisa e nós não podemos falar, mas não se fala por falta de repertório ou por falta de clima, não se fala por falta de recursos; não se fala para não ser mal interpretado, não se fala porque é mais ou menos negro, não se fala com receio de que o mais negro e o menos possam se sentir constrangidos, porque o mais negro está falando e o mais negro gostaria que ele não falasse nada, que ninguém lembrasse, que continuasse sendo mantido nesse registro nebuloso.

Então, mas eu talvez esteja querendo tirar o "ismo" do racismo porque eu acho que existe racismo no Brasil, mas talvez eu esteja querendo tirar o "ismo" nesse momento porque é uma atribuição quando todos os atores dominam as intencionalidades. Eu talvez esteja querendo tirar e dizer "olha, percebo muitas vezes uma maquinaria histórico social, uma poderosa maquinaria que comanda as configurações emocionais disponíveis".

(40:13) Que nós possamos assumir em relação a esse tema, e digo maquinarias porque o problema dos negros é o problema dos mestiços. O problema dos mestiços, o impedimento para se tratar do tema dos negros, era o quanto os mestiços não querem que isso se movimente para não serem arrastados no turbilhão, nessa contaminação social, de que as pessoas comecem a olhar assim, como muito procurando encontrar e ver as marcas, e comecem a se perguntar da sua genealogia, porque é possível abjurar. Eu estou usando a expressão "é possível abjurar de si", é possível abjurar e mantê-la alienada e se ela vir a tona: abjurar. Dizer que isso "não sei, não sei de quem é isso. Não fui eu, não tenho nada com isso". Possível se desvestir dessa situação.

Obviamente, para alguns sujeitos, para uma grande parte dos sujeitos, que ficam exatamente no meio do caminho, para os negróides brasileiros. Nós temos um problema, que é um problema dos negróides: os negróides não suportam a possibilidade de que seja evidenciado que esta condição mestiça, e eu estou dizendo, é interessante, as pessoas não tem tanto essa bronca em ter mestiçagem com indígena: "minha avó era indígena".

No Pará, no Acre, me lembro quando o prefeito Edmilson trouxe aquele negócio da cabanagem: "somos todos cabanos. A sociedade paraense reagiu um pouco mal, porque ninguém quer ter essa pertença, talvez nós tenhamos eliminado esse problema da seguinte maneira: temos 205 milhões de habitantes e nós temos 900 mil sujeitos

identificados como indígenas. Talvez o extermínio físico tenha feito com que essas memórias se mantenham, mas a questão premente na sociedade brasileira seja a questão negra, porque os 53% se autodeclararam como negros e pardos.

Então talvez a questão premente, por que esta aumentando a autodeclaração? Precisa ter ambiente para ter a autodeclaração, a discussão étnico racial melhorou, tanto que é possível trazer esse tema para a reflexão aqui.

[43:55](#) Mas eu quero passar disso para o nosso ponto sobre esta construção complexa da pertença étnico racial ou da não pertença étnico racial, mas não pertença étnica e a pertença não é um tema simples, ele é um tema portanto que responde um volume de experiências de sofrimento psíquico entre nós na sociedade brasileira. É isso que nos concerne nessa conversa da clínica.

Nos concerne dizer "olha, é muito sofrimento que passa por debaixo dessa ponte" é um caudal de sofrimentos não investigados, sofrimentos não catalogados, não etiquetados, sofrimentos não nomeados, sofrimentos não recenseados, sofrimentos não escutados, sofrimentos. Enfim, tem um tema de um sofrimento que somente se nós criarmos um clima mais favorável a essa reflexão é que nós vamos poder também criar um clima mais favorável para a abordagem da temática do sofrimento mental, psíquico, derivado da pertença étnico racial.

[\(46:23\)](#) No ano passado eu desenvolvi um experimento inicial dessa área que tinha como evocação a ideia "sofro porque sou negro". Que fique bem claro de que nem todos os negros. Nem todos os negros sofrem porque são negros. Boa parte dos negros, ou parte dos negros, construíram psicologicamente uma identidade étnico racial capaz de confrontar o ambiente de negatividade atribuídos socialmente a sua condição, que é disso que nós estamos falando. Nós estamos falando de sujeitos que no seu processo de desenvolvimento psíquico adquiriram

recursos para confrontarem o mal estar e saídas mais positivantes da sua própria condição.

(50:27) (Perguntas)

Porque o mal estar é a maternidade que nos produz como sujeitos, pra combinar de que todos nós só somos sujeitos na maternidade do mal estar. As nossas construções dizem que é o mal estar que parteja o sujeito.

**Racismo e sofrimento mental: desafios políticos e clínicos da
Reforma Psiquiátrica
Parte II (18/11/2014)**

O parto do sujeito, produzir-se como um sujeito no mundo, supõe um mal estar. Posso evocar aqui, por exemplo, um modelo mais conhecido, o mal estar por não ser capaz de controlar a fonte de provimento de calor, afeto, alimento, lembrando que nós alucinadamente tentamos exercer esse controle no princípio; no começo tentamos pela alucinação, o próprio sujeito se engendra no desespero alucinatório de exercer o controle sobre o objeto fazendo presentificar no objeto que não está à disposição na hora que o sujeito muito o quer.

(1:05) A alucinação do seio materno, a metáfora psicanalítica que traduz isso, a alucinação como o campo daquilo que vai se constituir o sujeito, o campo que o próprio sujeito é o campo de experiência, ele exerce uma primeira atividade, que o campo daquilo que vai ser sujeito exercita, é atividade alucinatória tentando fazer presentificar algo que está ausente, que está faltoso.

Então o mal estar é a condição partejadora do sujeito, é para dar conta do mal estar que viramos sujeito. É porque o mal estar é grande demais, é que a saída é separar-se daquilo em que nos mantinha unidos, aquilo que me mantinha unido, produzindo nessa clivagem o espaço do domínio do eu, espaço do domínio do outro, se pondo com o sujeito nessa cena.

Então, sem dúvida nenhuma, todos sofremos porque somos o que somos. De alguma forma esse é um ponto importante e um bom começo, sofremos porque somos o que somos. Todo nosso sofrimento deriva do fato de sermos o que somos, e estarmos porque somos vinculados ao que estamos vinculados. Então essa ideia que sofremos porque somos o que somos, nisso você tem razão: branco sofre, sofre rico, sofre artista, plebeu sofre, princesa sofre. A condição de mal estar é uma condição articuladora do próprio sujeito, da própria presença do sujeito no mundo.

(3:31) Agora, sofremos porque somos genericamente o que somos. Genericamente para alguns que me queriam mais suave, para alguns que queriam receber de mim, para alguns que não gostam do time que eu torço, para alguns que não gostam da minha família, enfim, nós somos outra condição. É a condição da hegemonização da negatividade, a produção do consenso social sobre o ruim, porque quantos consensos você acha que são muito fortes, a repulsa ruim também tende a ser muito forte na coletividade. Se por exemplo "torcer para o Bahia fosse uma coisa tão ruim assim, é consenso de 90% dos baianos, que torcer para o Bahia é muito ruim", seria um sofrimento ser um torcedor do Bahia aqui na Bahia. Mas como a torcida é mais ou menos no meio, mais ou menos dividida, fica sempre disputando, a outra que é maior, que rivalidade sustenta, produz uma identidade que "não vai ser tão ruim assim ser do Bahia, é tão ruim ser do Bahia quanto ser do Vitória".

Há certa democratização do mal estar, mas estamos falando da condição histórica de 300 anos de escravidão, que inscreveu na negatividade de dimensões fenotípicas, dimensões corporais, culturais, dimensões que são alimentadoras das ontologias humanas.

Aí eu me lembrei do nosso David Cooper, que dentro de uma perspectiva fenomenológica trazia o tema da experiência e da ontologia. Ser é ser para o outro ("ser é para si mesmo"). Ser para si mesmo pode ser uma ponta narcísica que pode trazer consequências. Ser para si só faz sentido quando esse ser encontra reciprocidade, reverberação naquilo que nos cerca.

(7:11) Então de alguma forma, talvez esses comentários, a gente possa dizer, isso é uma das versões bastante interessantes da tentativa do que não é dito nunca, a tentativa da manutenção do privilégio da branquitude, porque efetivamente a branquitude é o lugar que está preservado de toda negatividade. Por isso eu disse da democracia racial, tantas formas de abjurar dessa herança africana, porque, de alguma forma, quando eu digo que sofro porque sou negro, eu estou falando de duas coisas ao mesmo tempo. Estou falando de uma experiência

ontológica. Se alguém diz assim: "eu sofro porque sou gordo", muita gente sofre por estar fora do peso; "sofro porque eu queria ir para Paris, tomar champagne e não vou ter dinheiro". São muitas as contingências do sofrimento.

Agora, o "sofro porque sou negro", diz assim: sofro hoje, sofri anteontem, sofro desde quando eu não sabia que eu era negro. Sofro de um lugar que envolve a própria constituição do sujeito, a própria sustentação ontológica do sujeito; onde esta forma de ser, essa ensaiante ontologia, foi confrontada com a negação do próprio ser. Então é um ser que tem que se construir, confrontar com a negação de valor e ser o que ele é. Não dá pra gente ser outra coisa sem ser o que é. A gente até tenta: a neurose. A gente tenta ser o que não é, tenta ser a serviço do outro, a neurose.

(10:16) (Comentários)

([13:58](#)) Talvez a alternativa seja essa. Eu acho que a gente pode contribuir com isso se a gente conseguir dar alguma resposta no campo da clínica. Eu pego a iconografia fotográfica dos hospícios brasileiros e vocês podem ver em São Paulo a concentração de afrodescendentes, sobretudo a concentração de melanina dessas populações, ela é surpreendente, é desproporcional com o quadro social, mesmo numa cidade como Salvador. O desfavorável, experiência empírica; você vai, hoje não mais, mas era muito prenante você ia ao Shopping Iguatemi no primeiro, segundo e terceiro andar e você tinha um branqueamento nos andares; quando subia e chegava no terceiro tinha um branqueamento surpreendente e obviamente que existe um componente étnico aí, essa vivência, nós até hoje, o ministério pela igualdade racial, nós temos um estatuto da igualdade racial aprovada na câmara dos deputados. A sociedade brasileira tem hoje uma condição muito melhor para fazer esse debate que estamos fazendo. Eu sinto que talvez, no nosso campo, não desenrolamos o nosso novelo para ajudar no campo da subjetividade a oferecer elementos mais plausíveis para compreensão da experiência social da nação.

Tem um foco que me interessa, me interessa o sofrimento; “sofro porque sou negro” significa “sofro porque meu processo de constituição no mundo, de alguma forma as circunstâncias foram limitantes para que eu pudesse inclusive organizar mecanismos de defesa satisfatório para poder dar ‘canelada’ por aí, assumir as militâncias políticas e fazer as saídas sociais de confrontação”.

Quer dizer, como a gente vai colaborar na nossa rede de atenção psicossocial para refletir sobre o tema da negligência em relação aqueles que possam ser mais identificados como negros? Porque na obstetrícia se sabe, as mulheres negras tem menos pré-natal que as mulheres não negras.

(17:54) Então vai lá, quantifica o número de pré-natais, como nós vamos no âmbito da RAPS produzir nossas percepções sobre o quanto que nós incorporamos na escuta de um caso a informação dessa pertença étnico racial e a consideramos fundamental para compreender. Estava falando a última vez que discutimos um caso aqui, para compreender essas circunstâncias que levam a que sujeitos possam apresentar dificuldades de estarem vivos, porque construir-se como uma pessoa negra é algo que está colocado no ponto emblemático, o ponto cego, o ponto impossível de ser percebido e obviamente é gerado aí uma certa derivação de toda ordem e sintoma.

A pretensão não é de que a gente possa ter uma solução para isso. Isso está na roda, está aberta a temporada de reflexão em que isso se torna imperativo. Não dá para fazer saúde ambiental sem a gente levar em consideração que os sujeitos são sujeitos históricos e sujeitos históricos produzidos em sociedade; quem tem o cacoete, o vício, a insistência de negativização de uma pertença étnico racial são os sujeitos que vão construir em diálogo com essa negativização. No mínimo pensar isso, que vamos constituir tendo que galgar, não vão poder se esquivar desse diálogo. E a última coisa que me ocorreu foi assim: sujeitos que, para poderem ser, tem que negar a sua pertença étnico racial do ponto

de vista físico; são sujeitos que se privam do suporte de organização de toda a experiência de ser sujeito. É no corpo que o ser sujeito se ancora, não existe um sujeito que forma um corpo. O corpo é fundamental, esse corpo que faz ligação com a clínica da psicose. Um corpo que eu chamo de meu, reconheço como meu, distinto do outro. Então o corpo é uma coisa fundamental. Mas por outro lado, também o sujeito que tem que despir de toda a sua herança coletiva, de sua pertença histórica, é também um sujeito sem alma. Então fico pensando: que sujeitos são esses que ficam alienados da sua condição física e alienados da sua condição espiritual? Que espaço de engendramento se faz aí nessa condição que demanda alienação como forma de tornar suportável ser sujeito? Para quê?

Ser sujeito para fora do corpo, fora da alma, só porque precisa ser sujeito.

(22:08) Comentários

([22:45](#)) Eu quis dizer assim: nós temos práticas racistas, discriminar traz uma lógica, de um homem e uma mulher negra, que ele vai roubar alguém ou dizer "isso aqui não é lugar pra você, para um filho adotivo de um casal branco numa loja da Mercedes Benz" e por para fora. São atos racistas que estão encaminhados por essa dimensão de uma intencionalidade negativa. Na verdade estava querendo me referir a uma dimensão da experiência que é não ser capaz de lidar com isso, de não saber se a hora que uma pessoa mais negra do que eu está presente, se eu toco no tema étnico racial ou, pensando com a minha sensibilidade, que alguém pode olhar para mim também e incluir esse embaraço.

Quero dizer que o racismo é esse fenômeno que engendra a nossa sociedade e que nós temos relações raciais embaraçosas na nossa sociedade e temos relações racistas. As relações raciais embaraçosas são decorrência do racismo. Embaraçosas por causa do racismo, por isso aquela pergunta "onde é que você guarda o seu racismo?" é uma pergunta para a sociedade brasileira fazer uma boa reflexão, em algum

lugar ele está. É uma questão de ser provocado para que ele venha à tona. Se eu penso isso - "que lugar você guarda o seu racismo?" - eu penso nas pessoas que podem esquivar menos da sua pertença étnico racial, portanto estão permanentemente suscetíveis ou disponíveis para ser achatadas por atos racistas porque não podem deixar de ser o que elas são, então nós temos uma montagem aí que é complexa.

(25:40 - Comentários)

([26:30](#)) Efetivamente, dentro da lógica de compreensão dos processos de dominação globais, a grande questão é a questão da opção do capitalismo. Quer dizer assim, de alguma forma, todas as outras dominações prestam conta à dominação do capitalismo. Elas são subsidiárias da dominação do capitalismo. A dominação do capitalismo consegue fazer com que de alguma forma todas as outras dominações sejam acessórias à dominação do capitalismo, mas isso não resolve a questão da formação histórica singular e das histórias singulares de cada formação social.

Na sociedade brasileira, a mãe das violências, de todas as violências que formam os processos de subjetivação foram produzidas na escravização indígena e na escravização negra. Então, a subjetividade nacional, ela é informada por um complexo. Então a dominação operária no nosso país é uma dominação que aprendeu, tomou lições com a experiência escravagista. A experiência escravagista informa todas as dominações, a escola onde elas moldaram suas formas de ser. Aí a gente pode encaixar esse tema étnico, porque não foram escravizados, como os chineses que também vieram no fim do Império, vieram sob um regime similar ao regime de contratação escravagista.

Não sei se vocês sabem, mas tivemos alguns navios de chineses que vieram contratados para trabalhar, substituindo a mão de obra escrava. Nós tivemos cargueiros chineses, não se adaptaram. Você não tem uma questão de escravidão chinesa no Brasil. Os italianos vieram em

regime de contratação, para trabalhar no campo, muito severos, muito similares a algo que a gente chamou de trabalho escravo. Você não tem uma questão da escravidão italiana. Os japoneses vieram para o Brasil também, tudo isso no processo de substituição da mão de obra escrava negra, os japoneses também vieram assim e você não tem uma questão assim, não gerou uma questão assim, pelo contrário, os europeus aproveitaram. São da Europa, país atrasados, brancos, logo são as famílias da classe média paulista a grande contingente que forma ali uma certa identidade paulista, a vantagem da posição europeia. Superiores.

([30:46](#)) Então essa marca é um tema que envolve a questão da África, envolve a questão da África até hoje. Não é uma questão do passado, envolve a questão da África hoje, envolve o preconceito racial, o racismo mundial que estabeleceu as condições que a África não deixe de ser aquilo. É muito interessante porque, até o século XIX, a África não tinha um dos seus países das condições que estivesse sobre domínio de uma possessão estrangeira. É interessante como a dominação europeia colonial na África é de meados do século XIX para frente. Ou seja, não é o processo colonial que fez escravos que foram trazidos para alimentar a vantagem que a réplica representava que permitiu que a Europa se colocasse no Centro do mundo. Mas é a perpetuação de perceber a África como um lugar de pegar coisas, usar coisas, para produzir coisas.

Pois bem, nós temos muito que andar nisso! Nossos CAPS estão cheio de gente negra, que ninguém nunca perguntou numa anamnese como ele se sente em relação a sua condição étnica, a sua pertença étnica. Nós não levamos em consideração se é mais negro ou menos negro. É como se isso não se desse conta, não tivesse importância.

33:31 (comentários)

“Meu nome não é Jhonny”. A juíza logo viu, seu lugar não é aqui. Você é gente de bem, você não faz parte desse trapo humano de “ninguéns”, você é uma pessoa distinta, diferente.

(34:18) O negócio das drogas tem uma reflexão, perseguindo isso, que é a reflexão de que as duas drogas de consumo de massa no Brasil: Álcool e maconha. No século XVIII e XIX, o álcool foi combustível para um processo de produção, seja o álcool, a cachaça para os escravos, no fim dos festejos, seja o álcool nas Minas Gerais, Chapada Diamantina. "Ração e cachaça". Componente da dieta. Componente da dieta, o álcool compõe a dieta da escravidão. Ela é "álcool endêmico entre os negros". Não! A maconha entrou no Brasil de duas fontes: uma foi através dos portugueses, real companhia imperial de cânhamo do Rio Grande do Sul, no Pará. Grandes plantações de cannabis para produção de velas, tecidos com o caldo da maconha; entrou também pela África. Africana, planta de fundo de quintal. Mil usos.

(36:27) Comentários

(37:48) É isso, não é o lugar (o CAPS) para ele (o menino branco de olhos verdes). Isso é o nosso desafio na RAPS. Como a gente vai fazer isso? Como a gente vai levar aos colegas essa sensibilidade?

Dizer gente, o cara tem um caráter étnico racial diferente, vamos ter que conversar, isso vai ter que virar assunto corriqueiro. Nós vamos ter que perguntar sobre mais negros ou menos negros. Nós vamos ter que perguntar mais negros ou menos negros. Por quê? "Porque dá para passar sem isso, dá pra pensar sem herança étnica racial negra. Não preciso com isso". Esse jogo que eu acho que estabelece esse sistema de equipe.

Esse é o racismo institucional. É aquele que não se percebe como racismo, que está naturalizado. Isso é racismo institucional. Dar mais atenção a um jovem no qual eu me identifico, em comparação com não dar atenção. Eu estava lembrando mais dos casos de como é que um gradiente de paciência com certos sujeitos que são pretos, pobres e

psicóticos, como é que o gradiente paciência tende a ficar, exceto se ele for um sujeito louco e genial.

Se ele for um louco, psicótico, monótono, um cara chato, que é embotado, aquela limitação, a diminuição do ânimo para poder levar aquilo, de se preocupar, se não veio, se sumiu, se não está mais, o racismo institucional me engendra. Não sei falar muito de como ele acontece, porque a gente precisa reconhecê-lo. Será que a gente está deixando, olhando menos para esse cara? Ou precisamos estar muito atentos com os casos onde nos temos pessoas que podem se desvencilhar menos da sua condição, da sua pertença étnico racial.

42:36 comentários

([42:42](#)) Não deixar de conversar, de pensar, não deixar de falar. E isso é coisa que funciona assim. Esse entrou porque a RAPS entrou nessa. Esse grupo é um grupo de trabalho do Ministério de Saúde, tem um vídeo no Youtube que é dessa atividade, racismo e saúde mental do Ministério da Saúde. E foi lançamento um, sabe o que eu senti? Uma coisa assim: sabe quando você está ficando um marco de referência para poder... porque nunca foi assumido isso, assumir que o racismo faz mal a saúde mental.

Que é bandeira e campanha. Racismo faz mal à saúde mental. Não é meio óbvio? Em suas várias intenções, não o ataque racista, mas o racismo presente na sociedade, fazendo com que crianças se sintam muito constrangidas com seus corpos e suas aparências, seus modos de ser, suas famílias, querendo ser outra coisa. Não é terrível isso? Querer ser outra coisa, uma criança que recusa ser o que ela é - "o que eu sou é ruim". Então nós temos que pensar o engendramento do mal estar decorrente do racismo, esse engendramento precoce que vai forjando sujeitos e que nós temos que pensar a psicossomática, quantas imersões da psicossomática. Quanto da psicossomática tem o que não se escreve e não pode se escrever no corpo? E aparece no corpo e não pode se escrever com o sentido?